

A PREENCHER PELO ALUNO

Nome completo _____

Documento de identificação  n.º _____

Assinatura do aluno _____

A PREENCHER PELA ESCOLA

N.º convencional

N.º convencional

A PREENCHER
PELO AGRUPAMENTO

N.º confidencial da escola

Prova Final de Português**Prova 91 | E. Especial | 3.º Ciclo do Ensino Básico | 2018****9.º Ano de Escolaridade**

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR

Classificação em percentagem _____ (_____ por cento)

Correspondente ao nível _____ (_____) Data: ____ / ____ / ____ Código do professor classificador _____

Observações _____

Duração da Prova: 90 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

16 Páginas

Todas as respostas são dadas no enunciado da prova.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risca aquilo que pretendes que não seja classificado.

Apresenta apenas uma resposta para cada item.

Apresenta as tuas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencia corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Se o espaço reservado a uma resposta não for suficiente, podes utilizar o espaço que se encontra no final da prova. Neste caso, deves identificar claramente o item a que se refere a tua resposta.

As cotações dos itens encontram-se no final da prova.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

Página em branco

GRUPO I

Para responderes aos itens deste grupo, vais ouvir um excerto de um programa sobre o Teatro Nacional de São Carlos.

1. Numera as frases de **1** a **4**, de acordo com a ordem pela qual as informações são apresentadas no texto.

A primeira frase já se encontra numerada.

- Enumeração de óperas a que o público do teatro tem assistido.
- 1 Indicação da data de abertura do teatro ao público.
- Referência a um espaço do teatro que está escondido do público.
- Identificação do público que tem vindo a frequentar o teatro.

2. Para cada item (**2.1.** a **2.3.**), assinala com **X** a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

- 2.1. Ao comparar o Teatro Nacional de São Carlos com os teatros de outros países europeus, a locutora pretende sobretudo

- A destacar as gerações de espectadores que sempre apreciaram ópera.
- B assinalar o facto de o edifício português ter permanecido autêntico.
- C enumerar os teatros de ópera que ainda existem na Europa.

- 2.2. As expressões «esta sala» e «estes telões» adequam-se à intenção de nos levar

- A a imaginar que estamos a percorrer o espaço do Teatro Nacional de São Carlos.
- B a reconhecer os dois aspetos mais importantes do espaço do teatro visitado.
- C a memorizar todos os elementos que compõem o espaço do teatro visitado.

- 2.3. Ao pronunciar-se sobre a maquinaria cénica do Teatro Nacional de São Carlos, o entrevistado destaca

- A a novidade que ela permite introduzir nos espetáculos atuais.
- B a surpresa que ela poderá vir a causar em espetáculos futuros.
- C a ilusão que, desde sempre, ela tem criado nos espetáculos.

GRUPO II

TEXTO A

Lê o texto e as notas.

As representações teatrais faziam parte das festas oficiais da cidade de Roma. Estas festas podiam ter lugar em datas fixas, como, por exemplo, os jogos em honra de Apolo, realizados em julho, ou os jogos em honra de Júpiter, que decorriam em setembro. Podiam também realizar-se em datas ocasionais, como acontecia com os jogos para
5 celebrar o triunfo de um chefe ou para festejar a construção de novos monumentos.

Por ocasião destes jogos, um magistrado romano contactava o responsável por uma companhia de teatro, ao qual entregava uma determinada quantia, que era utilizada para comprar o texto dramático ao autor e para pagar as diferentes despesas, entre elas, os pagamentos aos atores e aos restantes elementos do grupo. Na verdade, estas
10 companhias na Roma antiga incluíam não só os atores, mas também os indivíduos que eram necessários a todo o processo da representação, a maior parte deles escravos, que trabalhavam nestes grupos ao serviço dos seus senhores. Estavam incluídos, por exemplo, os que tratavam da maquinaria cénica, do *deus ex machina*¹. Os atores eram todos homens, romanos de baixa condição, libertos, ou mesmo escravos; apesar disso,
15 alguns tiveram grande prestígio em Roma e adquiriram uma considerável fortuna. Todos os papéis eram, portanto, desempenhados por homens, mesmo os de mulheres, o que dificultava a dicção e o canto. De facto, os textos dramáticos latinos, tanto as comédias como as tragédias, englobavam diferentes partes que, consoante o verso, ou metro, poderiam ser declamadas, recitadas, acompanhadas por música, geralmente ao som da
20 flauta, e cantadas.

As representações tinham lugar da parte da tarde. O espetáculo era gratuito, mas havia lugares destinados aos diferentes grupos sociais. Antes do começo do espetáculo, o pano de cena descia e mostrava o cenário. Nas primeiras representações, a cena tinha uma decoração permanente, constituída pelas colunas e estátuas que a ornamentavam
25 e pouco mais. Com o passar do tempo, os cenários das peças foram sendo cada vez mais elaborados e muitos teatros tinham um mecanismo no palco que permitia uma rápida mudança de cena. No final da peça, o pano voltava a subir, pouco depois de um ator dizer as últimas palavras do texto, a fórmula: *Vos valete et plaudite*²!

Maria do Rosário Laureano Santos, *O Teatro Romano*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2016, pp. 3-5 (texto adaptado).

NOTAS

¹ *deus ex machina* – artifício que consistia, sobretudo, em elevar uma personagem por meio de uma máquina.

² *Vos valete et plaudite* – expressão usada como fórmula de despedida e pedido de aplauso.

1. Assinala com **X** os três tópicos adequados ao sentido do texto.

- A Relação entre as representações teatrais e os jogos na Roma antiga.
- B Construção de edifícios próprios para espetáculos teatrais na Roma antiga.
- C Descrição do quotidiano dos escravos nas companhias teatrais da Roma antiga.
- D Condição social dos atores nas companhias teatrais da Roma antiga.
- E Elementos do cenário nas representações teatrais da Roma antiga.

2. Para cada item (2.1. a 2.3.), assinala com **X** a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

2.1. Na Roma antiga, o calendário dos jogos mantinha-se inalterado quando se tratava de

- A celebrar as grandes vitórias guerreiras.
- B homenagear os deuses Apolo e Júpiter.
- C festejar o sucesso alcançado por um ator.
- D assinalar a construção de obras importantes.

2.2. Nas representações teatrais da Roma antiga,

- A os atores de condição social elevada eram os protagonistas.
- B as atrizes estavam encarregadas do canto e da dança.
- C os papéis femininos exigiam um esforço acrescido.
- D as personagens eram exclusivamente masculinas.

2.3. Na Roma antiga,

- A o horário das representações teatrais sofria alterações constantes.
- B a fórmula *Vos valete et plaudite* era dita antes de o pano voltar a subir.
- C o pano de cena subia sempre no início de cada representação teatral.
- D a decoração da cena manteve-se inalterada ao longo do tempo.

TEXTO B

Lê o texto e as notas.

Lembro-me muito bem de como tudo se passava. Minha mãe tinha que fingir-se zangada. Eu saía de casa, rente à parede, sentindo que aquilo era pior que ir para a escola.

Mestre Finezas puxava um banquinho para o meio da loja e enrolava-me numa enorme toalha. Só me ficava a cabeça de fora.

5 Como o tempo corria devagar!

A tesoura tinha e cortava junto das minhas orelhas. Eu não podia mexer-me, não podia bocejar sequer. – Está quieto, menino – repetia mestre Finezas segurando-me a cabeça entre as pontas duras dos dedos: – Assim, quieto! – Os pedacitos de cabelo, espalhados pelo pescoço, pela cara, faziam comichão e não me era permitido coçar.

10 Por entre as madeixas caídas para os olhos via-lhe, no espelho, as pernas esguias, o carão severo de magro, o corpo alto curvado. Via-lhe os braços compridos, arqueados como duas garras sobre a minha cabeça. Lembrava uma aranha.

E eu – sumido na toalha, tolhido¹ numa posição tão incómoda que todo o corpo me doía – era para ali uma pobre criatura indefesa nas mãos de mestre Ilídio Finezas.

15 Nesse tempo tinha-lhe medo. Medo e admiração. O medo resultava do que acabo de contar. A admiração vinha das récitas² dos amadores dramáticos da vila.

Era pelo inverno. Jantávamos à pressa e nessas noites minha mãe penteava-me com cuidado. Calçava uns sapatos rebrilhantes e umas peúgas de seda que me enregelavam os pés. Saíamos. E, no negrume da noite que afogava as ruas da vila, eu conhecia pela voz famílias que caminhavam na nossa frente e outras que vinham para trás. Depois, ao entrar no teatro, sentia-me perplexo no meio de tanta luz e gente silenciosa. Mas todos pareciam corados de satisfação.

20 Daí a pouco, entrava num mundo diferente. Que coisas estranhas aconteciam! Ninguém ali falava como eu ouvia cá fora. E mesmo quando calados tinham outro aspeto, constantemente a mexerem os braços. Mestre Finezas era o que mais se destacava. E nunca, que me recorde, o pano desceu, no último ato, com mestre Finezas ainda vivo. Quase sempre morria quando a cortina principiava a descer e, na plateia, as senhoras soluçavam alto.

25 Aquelas desgraças aconteciam-lhe porque era justo e tomava, de gosto, o partido dos fracos. E, para que os fracos vencessem, mestre Finezas não tinha medo de nada nem de ninguém. Heroicamente, de peito aberto e com grandes falas, ia ao encontro da morte.

30 Eu arrepiava-me todo. Uma noite mestre Finezas morreu logo no primeiro ato. Foi um desapontamento. Todos criticaram pelo corredor, no intervalo. – O melhor artista morrer mal entra em cena...! Não está certo! Agora vamos grammar quatro atos só com canastrões³! – dizia o doutor delegado a meu pai.

Mas a cena tinha sido tão viva e a sua morte tão notada durante o resto do espetáculo que, no outro dia, me surpreendi ao vê-lo caminhando em direção à loja.

35 Passaram anos. Um dia, parti para os estudos. Voltei homem. Mestre Finezas é ainda 40 a mesma figura alta e seca. Somente, tem os cabelos todos brancos.

Manuel da Fonseca, «Mestre Finezas», in *Aldeia Nova*, Porto, Forja, 1975, pp. 191-194 (texto com supressões).

NOTAS

¹ *tolhido* – encolhido.

² *récitas* – representações teatrais.

³ *canastrões* – maus atores.

3. Assinala com **X** a opção que completa a afirmação de acordo com o sentido do texto.

A palavra «aquilo» (linha 2) refere-se a uma experiência

- A vivida no presente por um narrador adulto.
B quase esquecida por um narrador já adulto.
C recuperada pela memória de um narrador adulto.
D prevista por um narrador já adulto.

4. Completa a frase seguinte, a partir da informação das linhas 6 a 9, usando uma das expressões abaixo apresentadas.

Para narrar o que sentia quando mestre Finezas lhe cortava o cabelo em criança, o narrador utiliza palavras e expressões relacionadas com _____.

o paladar e o tato

a visão e o olfato

a audição e o tato

o tato e a visão

5. O menino sentia-se «uma pobre criatura indefesa nas mãos de mestre Ilídio Finezas» (linha 14).

Explica por que razão o menino se sentia como a presa de uma «aranha», tendo em conta a postura do barbeiro apresentada nas linhas 10 a 12.

6. Identifica os elementos que permitem estabelecer um contraste entre o espaço exterior e o espaço interior descritos nas linhas 19 a 22.

7. Assinala com **X** a opção que completa a afirmação de acordo com o sentido do texto.

Habitualmente, as personagens representadas por mestre Finezas

- A morriam no final das peças, porque defendiam os mais fracos.
B ficavam a salvo, desde o primeiro ato, porque eram astutas.
C morriam no primeiro ato, porque defendiam causas justas.
D salvavam-se no final das peças, porque eram heroicas.

8. A segunda frase do parágrafo das linhas 33 a 36 inicia-se com a referência a «Uma noite».

Explica por que razão o que acontece nessa noite comprova que os espectadores se interessavam mais pela atuação de mestre Finezas do que pela peça representada.

TEXTO C

Lê as estâncias 49 e 50, do Canto V de *Os Lusíadas*, e as notas.

Mais ia por diante o monstro horrendo,
 Dizendo nossos Fados, quando, alçado¹,
 Lhe disse eu: – «Quem és tu? Que esse estupendo
 Corpo, certo me tem maravilhado!»
 5 A boca e os olhos negros retorcendo
 E dando um espantoso e grande brado,
 Me respondeu, com voz pesada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pesara:

– Eu sou aquele oculto e grande Cabo
 10 A quem chamais vós outros Tormentório,
 Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
 Plínio² e quantos passaram fui notório³.
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto Promontório,
 15 Que pera o Pólo Antártico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto ofende.

Luis de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.ª ed., Lisboa, IC/MNE, 2003, p. 135.

NOTAS

¹ *alçado* – de pé.

² *Ptolomeu, Pompónio, Estrabo, Plínio* – geógrafos greco-latinos.

³ *notório* – conhecido.

9. Escreve um texto breve em que:

- identifiques o narrador e o «monstro» a quem se dirige;
- expliques em que consiste a «ousadia» referida no verso 16;
- estabeleças uma relação de semelhança entre os dois sentimentos que o «monstro» desperta no narrador (**Texto C**) e os dois sentimentos que mestre Finezas desperta no menino (**Texto B**), apresentando as razões que os justificam, em ambos os casos.

GRUPO III

1. Assinala com **X** todas as palavras que se formaram com o prefixo **des-**.

- A destinar
 B desvendar
 C descansar
 D desaparecer
 E despachar

2. Associa cada palavra destacada na coluna **A** à respetiva classe da coluna **B**.

Escreve, em cada quadrado da coluna A, a letra correspondente da coluna B.

COLUNA A	COLUNA B
Que personagens preferes? <input type="checkbox"/>	A – Conjunção
Disseste-me que preferias estas personagens. <input type="checkbox"/>	B – Preposição
Indica-me as personagens que preferes. <input type="checkbox"/>	C – Pronome
	D – Determinante
	E – Quantificador

3. Completa as frases com as formas simples dos verbos nos tempos e modos indicados entre parênteses.
- a) Eu vejo melhor a peça se _____ (*estar* / futuro do conjuntivo) na primeira plateia.
- b) O crítico _____ (*prever* / pretérito perfeito do indicativo) que a peça ia ser um êxito.
- c) Se a encenadora _____ (*querer* / pretérito imperfeito do conjuntivo), eu seria o protagonista.
- d) Como sou um ator muito alto, não sei se _____ (*cabere* / presente do indicativo) nesse fato da personagem.
4. Assinala com **X** todas as frases que integram uma oração subordinada adverbial condicional.
- A A peça estreia no próximo mês, desde que os figurinos estejam prontos.
- B Haverá uma nova temporada, caso a peça tenha sucesso.
- C A peça vai correr bem, ainda que tenhamos antecipado a estreia.
- D A peça não estreia na próxima semana, se não montarem os cenários.
- E O ator perguntou se podia chegar um pouco atrasado ao ensaio.
5. Para cada item (5.1. e 5.2.), assinala com **X** a opção que completa cada afirmação.
- 5.1. Na frase «Os cenógrafos garantiram-nos que podíamos confiar neles para montar o cenário.», as palavras sublinhadas desempenham, respetivamente, as funções sintáticas de
- A complemento indireto e complemento direto.
- B complemento direto e complemento indireto.
- C complemento indireto e complemento oblíquo.
- D complemento oblíquo e complemento indireto.
- 5.2. A frase que se encontra na forma passiva é:
- A O herói da peça tinha sobrevivido à armadilha do vilão.
- B O figurante tinha sabido a data da estreia pelo assistente de produção.
- C O velho palco tinha afundado com o peso excessivo dos cenários.
- D O ator principal tinha sido elogiado pelos críticos mais exigentes.

GRUPO IV

Lê a passagem seguinte, em que Carmen Dolores, uma conhecida atriz portuguesa, refere a importância das aprendizagens feitas na escola.

«Falar em público representa sempre um risco e uma aventura. É estarmos ali, sem defesa, perante um grupo de desconhecidos, cuja atenção queremos conquistar.

Claro que tudo será mais fácil se, na escola, já houver o hábito de ler em voz alta, com os outros colegas como público, e um professor a chamar a atenção para uma boa postura do corpo.»

Carmen Dolores, «O que posso fazer quando tenho uma branca?», in *Trocado por Miúdos*, Porto, Porto Editora, 2014, pp. 52-53.

Na tua perspetiva, até que ponto tiramos proveito para a nossa vida daquilo que a escola nos ensina?

Escreve um texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de 160 e um máximo de 260 palavras, em que defendas o teu ponto de vista.

O teu texto deve incluir:

- a apresentação do teu ponto de vista;
- a explicitação de, pelo menos, duas razões que justifiquem o teu ponto de vista;
- uma breve conclusão.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo: /di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (exemplo: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão implica uma desvalorização parcial de até dois pontos;
 - um texto com extensão inferior a 55 palavras é classificado com 0 (zero) pontos.

COTAÇÕES

Grupo	Item											
	Cotação (em pontos)											
I	1.	2.1.	2.2.	2.3.								
	4	3	3	3								13
II	1.	2.1.	2.2.	2.3.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	
	4	3	3	3	3	4	5	5	3	5	6	44
III	1.	2.	3.	4.	5.1.	5.2.						
	3	3	3	3	3	3						18
IV	Item único											
												25
TOTAL												100